

NARRATIVAS DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA DA CIDADE DE SALVADOR E SUAS EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS COM FOCO EM LETRAMENTOS: DESIGUALDADES SOCIAIS, OPRESSÕES E RESISTÊNCIA

Selma Maria Batista de Oliveira¹
Áurea da Silva Pereira

Resumo: O presente estudo versará sobre narrativas de professoras da educação básica da rede pública de ensino da cidade de Salvador o qual pretende investigar práticas de letramentos e resistências aos tensionamentos de raça, gênero e classe em suas experiências de docentes. Para coleta de dados, aproprio-me dos pressupostos metodológicos da pesquisa de base qualitativa, com ênfase no método autobiográfico e utilizarei como estratégia de pesquisa, as entrevistas narrativas. Nessa perspectiva, buscarei me fundamentar nos estudos culturais, os estudos de letramentos e de formação de professores, a partir dos conceitos de raça, gênero e classe a fim de discutir a influência dos fatores históricos, políticos, sociais e culturais no contexto de formação e autoformação de professoras. Para tanto, utilizarei Hooks (2013); Collins, 2019; Gonzáles (1984; 1988); Davis (2016); Gomes (1995; 2017); Hall (2009; 2015); Lima (2012); Delory-Momberger (2014); Kleiman (2001), Nóvoa (1995) entre outros. No decorrer das discussões epistemológicas, espera-se que a partir das experiências narradas por docentes interlocutoras, possa produzir conhecimento tendo os marcadores sociais, como classe, raça e gênero nas experiências educacionais, observando os campos de luta, tendo o letramento como uma ferramenta potente de resistência, e dispositivo de

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Professores. Orientadora: Profa. Dra. Áurea da Silva Pereira. Endereço eletrônico: selmamboliveira@gmail.com.

formação de professoras para o antirracismo e antissexismo.

Palavras-Chave: Narrativas de professoras. Formação de professoras. Letramentos.

INTRODUÇÃO

No tecido social raça e gênero constituem os fios que costuram as relações de poder sustentando processos de exclusão, subordinação e opressão. Questionar essas relações de poder é tensionar os mecanismos de opressão, é reivindicar reparação e equidade para aqueles que estão às margens dos direitos e protagonismo social, à exemplos dos povos indígenas, da população negra e das mulheres. E, apesar de, no Brasil, haver um crescente acervo de pesquisas nessa temática, notei que, no contexto da formação de professores/as ainda há lacunas, quer seja devido ao currículo eurocentrado, quer seja pelo aumento de marcadores sociais na educação brasileira ampliando os problemas sociais.

O interesse por estudos que versam sobre formação de professores/as, experiências educacionais, relações raciais na educação e questões de raça e gênero no contexto educacional e social foi aguçado ainda na graduação em pedagogia concluída em 2008. Desde então, esse interesse vem sendo ampliado, e defendi a dissertação (em 2016) neste programa: Pós-crítica, intitulada de “Formação de Professores e relações étnico-raciais em escolas públicas de Guanambi (BA)”. Investiguei neste estudo a formação de professoras/es de linguagens referente as relações raciais na escola, temática alicerçada por conceitos como formação de professores/as, cultura, identidade e currículo.

Com a pesquisa de mestrado desenvolvida, discutindo formação de professoras/es e educação antirracista numa

perspectiva pós-crítica, notei a força da descolonização do pensamento neste programa. Professora-pedagoga e pesquisadora perpassando por estágios e atuante na educação, com participações em grupo de pesquisa e em eventos acadêmicos nesta área temática e com publicações realizadas, ampliei e aprofundei os conhecimentos, conceitos e teorias outras que dialogam com a linha de pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Professores da qual fiz parte no programa durante o mestrado e na qual está inserida este estudo de doutorado.

Entre 2018 e 2020 integrei o grupo de pesquisa (EPIS) (Educação, Política, Indivíduo e Sociedade: leituras a partir da Pedagogia, da Psicologia e da Filosofia) na Faculdade de Educação da UFBA. Impulsionada pelas discussões e provocações realizadas no âmbito do mestrado, bem como de outros estudos, projetos desenvolvidos e componentes curriculares cursados na condição de aluna especial para o doutorado, sendo: “Educação, Subjetividade e Formação” e “Letramentos Digitais e Hipertextualidades” do programa de pós-graduação em Educação e Contemporaneidade-PPGEduC da UNEB — Campus I. E “Laboratório de crítica cultural V: Educação e Políticas Culturais” no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural — Pós-Critica da UNEB-Campus II, notei que os estudos que envolvem as questões interseccionando gênero, raça e classe problematizam questões que buscam compreender as desigualdades presentes nas sociedades contemporâneas.

Esses trânsitos pelo universo dos estudos sobre educação, formação, letramentos, práticas docentes, narrativas de professores/as, raça, gênero e classe provocou as inquietações para o que se propõe nesse projeto intitulado “*Narrativas de professoras da educação básica na cidade de salvador e suas experiências educacionais com foco em letramentos: desigualdades sociais, opressões e resistência*”. O presente estudo versará sobre

narrativas de professoras da educação básica da rede pública de ensino da cidade de Salvador e busca investigar práticas de letramentos e resistências aos tensionamentos de raça, gênero e classe em suas experiências de docentes.

Sendo objeto desse estudo as práticas de letramentos de reexistência e tensionamentos atravessados por raça, gênero e classe, busco entender em que sentido aparecem e se aparecem nas narrativas das professoras práticas de letramentos como dispositivos de reexistência. Estudo de base qualitativa e método autobiográfico, no qual o *cópus* será constituído por dez professoras da educação básica da rede municipal de ensino de Salvador, a entrevista narrativa será utilizada como estratégia para o estudo de campo. Dentre as categorias teóricas presentes destacamos: Educação libertadora, raça, gênero, classe, narrativas autobiográficas, interseccionalidades, formação e autoformação de professoras, letramentos sociais e letramentos de reexistência.

1 — OPERANDO CONCEITOS

Tensionada na questão da raça, do gênero e da classe, a educação brasileira forma professores/as sem priorizar estes marcadores sociais. Desta forma, pensar a formação de professores/as é envolver no universo da subjetividade. Contar o percurso profissional destes no contexto escolar é narrar a própria trajetória existencial desses professores/as (NÓVOA, 1995) refletindo como no decorrer de sua formação foram se constituindo professores/as, e como essa constituição do ser professor é marcada por questões de raça, classe e gênero presentes no espaço social e escolar.

O autor supracitado contribui para compreender que as experiências educacionais docentes são atravessadas por múltiplas determinações e opressões, próprias de uma sociedade desigual,

na qual os programas sociais e políticas públicas não estão efetivamente integrados. A definição de formação adotada para esse estudo é proposta por Jorge Larrosa (2015) como uma viagem aberta não linear, uma experiência na qual o sujeito pode formar-se. Por se ou transformar-se, possibilitando “surgir” um novo ser a partir do processo de (re)construção de si.

Este último autor defende ainda que a experiência de formação depende da sensibilidade do viajante e de sua disponibilidade para vivenciar o inesperado, o experienciar a formação “trata-se de uma relação interior com a matéria de estudo, de uma experiência com a matéria de estudo, na qual o aprender forma ou transforma o sujeito” (LARROSA, 2015, p. 52). É nesse sentido que a formação de professores/as para diversidade deve ser pensada, sendo experienciada com sensibilidade, onde o fazer profissional é perpassado pelo existencial e vice-versa.

Nesse sentido, o conceito de educação, nesta pesquisa segue a ótica de Paulo Freire (1999), que tem a educação um lugar que possibilita prática de liberdade. Esse conceito enviesado com raça, gênero e classe é enfatizado por Bell Hooks, para quem, “a educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender” (HOOKS, 2013, p. 25). Considerando que, as questões de relações sociais são engendradas em bases sexistas, racistas e excludentes, está vertente mostra que a educação é capaz de romper os mecanismos necessários para a ruptura das amarras que impedem a ascensão daqueles que estão na base.

Nilma Lino Gomes afirma que “Devido ao fato de ser um direito social, arduamente conquistado pelos grupos não hegemônicos do Brasil e que durante muito tempo foi sistematicamente negado aos negros e às negras brasileiros” (GOMES, 2017, p. 24). Nesse sentido, o campo da educação é

também apresentado por Gomes (2017) como fundamental para se almejar equidade e compreender o lugar de subalternidade ocupado pelas pessoas negras, bem como pelos demais grupos marginalizados a exemplo das mulheres.

Subalternidade implica em múltipla opressão. Desta forma, o conceito de opressão de gênero tem sido nas últimas décadas interseccionado com raça e classe. Nessa perspectiva, a pesquisadora, autora e ativista do feminismo negro, Carla Akotirene (2019) discute o sistema político modelador da cultura e a dominação masculina, armados especialmente contra as mulheres. Akotirene, bem como Ângela Davis (2016) e Patrícia Collins (2019) contribui para a compressão de interseccionalidade, que engloba raça, gênero e classe, mulheres negras e trabalhadoras.

Conforme o feminismo negro:

A interseccionalidade nos mostra mulheres negras posicionadas em avenidas longe da cisgeneridade branca heteropatriarcal. São mulheres de cor, lésbicas, terceiromundistas, interceptadas pelos trânsitos das diferenciações, sempre dispostos a excluir identidades e subjetividades complexificadas, desde a colonização até a colonialidade (AKOTIRENE, 2019, p. 20).

Interseccionalidade, nesse sentido, é uma “abordagem que afirma que os sistemas de raça, classe social, gênero, sexualidade, etnia, nação e idade são características mutuamente construtivas de organização social que moldam as experiências das mulheres negras e, por sua vez, são formadas por elas” (COLLINS, 2019, p. 460). Confrontar as relações de poder é também mobilizar em prol das práticas de letramentos pautadas em uma educação para emancipação que abale esses parâmetros. Uma educação que questione esses lugares já estabelecidos, naturalizados e com vistas a legitimar as desigualdades existentes.

Sobre a perspectiva interseccional, conceito sistematizado em 1989 por Kimberlé Crenshaw, buscar-se-á operar o conceito para a análise das narrativas a partir de Patricia Hill Collins (2019) e Akotirene (2019). Para ampliar a análise das narrativas e problematização da condição da mulher negra brasileira e os atravessamentos que sobrepõem raça e gênero utilizaremos Bairros (1995), bem como as proposições de Lélia Gonzales (1984; 1988), uma vez que o seu pensamento dialoga com áreas outras, o que possibilita vislumbrar uma melhor análise das questões raciais bem como de outros marcadores sociais essencial a ser incluído na análise.

Em seu texto “ensinando a transgredir” Bell Hooks nos ensina que “não é fácil dar nome à nossa dor, teorizar a partir desse lugar” (2013, p. 103). Resignificar a própria história constitui um ato revolucionário e transgressor capaz de romper os elos que sustentam as opressões cotidianas. O mergulho no oceano oculto da memória faz emergir a consciência a respeito de si e dos outros, nos contextos familiares e educacionais as aprendizagens são balizadoras da construção identitária.

Para dar conta da pesquisa versando sobre desigualdades de gênero, raça e classe será relevante revisitar as leis: como a Lei 10.639/2003 e 11.645/2008, sendo essencial e fundante para construção de saberes, valores, ideologias, significados além de avanços e conquistas políticas importantes. Sobre as políticas públicas raciais e desigualdades, é importante destacar a luta do movimento negro:

Uma coisa é certa: se não fosse à luta do Movimento Negro, nas suas mais diversas formas de expressão e de organização — com todas as tensões, os desafios e os limites — muito do que o Brasil sabe atualmente sobre a questão racial e africana, não teria acontecido. E muito do que hoje se produz sobre a temática racial e africana, em

uma perspectiva crítica e emancipatória, não teria sido construído. E nem as políticas de promoção de igualdade racial teriam sido construídas e implementadas (GOMES, 2017, p. 18).

Isto só é possível por meio das lutas e dos enfrentamentos empreendidos pelos movimentos sociais mais diversos, a exemplo dos movimentos de gênero, que tem a sua base, sobretudo, no movimento negro. Daí que é tão importante se apropriar de um referencial que possibilite analisar as narrativas e demandas sociais vinculando raça e gênero a partir de um olhar interseccional.

Nesse sentido, é também importante destacar que a noção de cultura está relacionada neste contexto e será discutida a partir de Laraia (1986) e Stuart Hall (2009; 2015), a abordagem sobre identidade negra, fundamentada com Gomes (1995); Gomes e Silva (2011), bem como, educação e experiências étnico-raciais para formação de professores/as, tem como pano de fundo a teórica Maria Nazaré Lima (2012) versando sobre educação antirracismo, escola plural e a formação de professores/as para as relações étnico-raciais, e para as compreensões de raça, racismo Carlos Moore (2012) e Kabengele Munanga, (2003), as noções de letramentos sociais e letramentos de reexistência serão discutidas nos estudos de Kleiman (2001), Pereira (2015) e Souza (2011).

2 — NARRATIVAS, LEMBRANÇAS E MEMÓRIA

Narrativas, lembranças e memória são enriquecedoras na pesquisa. Ao rememorar, permitimos fazer uma “viagem” no tempo selecionando fatos e acontecimentos que marcaram e que tiveram relevância para vida. Para Burke, “lembrar o passado e escrever sobre ele não mais parecem às atividades inocentes que outrora se julgava que fossem” (BURKE, 2000, p. 69), pois as memórias resultam de relações sociais, a partir de um processo de

seleção e interpretação de fatos, acontecimentos e pessoas que foram significativos e que de alguma forma marcaram, ficando assim, registrados na mente e na história.

Memórias, lembranças e narrativas são conceitos que ligam e se relacionam fortemente nesta pesquisa. As lembranças fazem refletir sobre o passado, conforme evidenciam as professoras fazendo do presente um acontecimento mais significativo para à vida, contribuindo para um futuro articulado com as perspectivas e planejamentos, sendo que o lembrar alimenta a vontade de viver, (re)escrever uma nova história a partir do que se viveu no passado, (re)descobrir-se e contribuir para mudanças tanto pessoal quanto social.

A despeito do conceito de “Narrativas”, o ato de narrar os acontecimentos da vida é uma prática comum ao ser humano e faz com que este adquira importante significado para quem narra e para o outro; ganhe forma e projeção contribuindo para que outras pessoas reflitam e escrevam as histórias de suas vidas, pois “não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida” (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 3536). Pensando e acreditando que, cada pessoa “escreve” sua própria história, seu próprio “livro” da vida, sendo que “a história desse indivíduo é também, em grande parte, aquela de suas aprendizagens e de sua relação biográfica com o saber e o aprender” (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 30).

A escrita de si, nesse sentido, constitui um processo metanarrativo, no qual ao narrar o vivido as professoras fazem uma descrição de quem são, expressando memórias, reelaboradas pela ação do tempo e compreensão dos saberes profissionais. Assim, a ação de lembrar e refletir sobre o experienciado, evidenciam os processos e movimentos discursivos que colocam em cena a

performance do ator/autor que é protagonista e narrador da própria trajetória. Ao fazê-lo, o sujeito da experiência tem a possibilidade de refletir sobre seu próprio processo de subjetivação atribuindo-lhe novos sentidos.

Nesse arcabouço será utilizado os estudos de Moita Lopes (2006), concernente ao uso da linguagem, à inserção e a constituição dos sujeitos nos espaços socioculturais, e quando se olha e se localiza, para o contexto específico da educação básica da cidade de Salvador na Bahia, é importante se apropriar de um referencial que possibilite analisar as narrativas e demandas sociais vinculando raça e gênero a partir de uma perspectiva interseccional. As lembranças narradas configuram-se como importantes fontes de pesquisa uma vez que ao relembrem os fatos ocorridos na vida, a pessoa faz uma reflexão acerca do acontecido e posiciona-se crítica e reflexivamente.

Nas práticas de letramentos vale considerar seu âmbito linguístico-literários contribuições teóricas de estudos culturais e da linguística aplicada indisciplinar serão utilizadas, a fim de discutir a influência dos fatores históricos, políticos, sociais e culturais nas narrativas. Dos estudos da linguística aplicada indisciplinar associaremos linguagem e educação para pensar as práticas de letramentos (KLEIMAN, 2001) numa perspectiva de resistência para educação antirracismo. Com viés inter/transdisciplinar, busca situar os estudos culturais numa perspectiva crítica da cultura para pensar a educação como ferramenta emancipatória, suscitando compreender as experiências educacionais como práticas de letramentos de resistência. O letramento pode ser utilizado como resistência?

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Espera-se, a partir das experiências narradas por docentes interlocutoras, refletir sobre os atravessamentos de marcadores sociais, como classe, raça, território e gênero, nas experiências educacionais, bem como constatar campos de luta, tendo o letramento como uma ferramenta potente de resistência, de meios de formação de professoras para educação antirracista e antissexista.

Desta forma, a narrativa, ao mesmo tempo será estratégia, fonte e dispositivo metodológico operador individuais e coletiva das histórias entrecruzadas de opressão e resistência resultantes da relação educação, pobreza e desigualdade social.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. *Interseccionalidade*. São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BAIRROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. *Revista Estudos Feministas*.

N. 02, 1995, p. 458-463.

BURKE, Peter. *Varietades de história cultural*. Trad. Alda Porto. São Paulo-Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. 6. ed., Petrópolis: Vozes, 2014.

COLLINS, P. H. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.

DAVIS, Ângela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Tradução e revisão científica Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva, Luis Passeggi. 2 ed. Natal, RN: EDUFRRN, 2014.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24ª ed., São Paulo: Edições Loyola, 2014.

- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.
- GOMES, Nilma Lino. *A mulher negra que vi de perto*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.
- GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e (Org.). *Experiências étnico-culturais para formação de professores*. 3. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- GONZALES, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.
- GONZALES, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988a.
- HOOKS, Bell; *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. Cap. 5, p. 83-104.
- KLEIMAN, Ângela. Letramento e formação do professor: quais as práticas e exigências no local de trabalho? In: KLEIMAN, Ângela. (Org.). *A formação do professor: perspectiva da linguística*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- LIMA, Maria Nazaré Mota de (Org.). *Escola Plural: a diversidade está na sala: formação de professoras em história e cultura afro-brasileira e africana*. 3. ed., São Paulo: Cortez, 2012.
- LOPES, Luiz Paulo da Moita (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- NÓVOA, Antônio. *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1995.
- PEREIRA, Aurea da S.; MOTA, Kátia S. "Espaços biográficos": o lugar das memórias autobiográficas. In: PEREIRA, Aurea da S. (Org.). *Práticas de pesquisa autobiográfica: letramentos, memórias e narrativas*. Curitiba, PR: CRV, 2015. p. 108-117.
- SOUZA, A. L.S. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip hop*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. v. 1. 176p.